

659

ILUSTRAÇÃO



CORREGGIO:
A Virgem de S. Francisco

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

14.ª EDIÇÃO (Actualizada na grafia e ampliada
com cerca de **25 mil vocábulos**)

O Novo Dicionário, redigido de harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dobro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários da língua portuguesa, é o mais actualizado, autorizado e completo

«O Dicionário de Cândido de Figueiredo, sucessivamente melhorado, ampliado e trabalhado pelo seu autor, é hoje, sem oúvida, o melhor dicionário da língua portuguesa; o mais opulento, o mais «vivo», e, tecnicamente, o mais perfeito.»

«Entendo que a solução dada ao problema pelos Editores do Novo Dicionário, enriquecendo e actualizando este instrumento de consulta, constitui um relevante serviço à linguagem portuguesa e uma homenagem prestada ao nome glorioso de Cândido de Figueiredo.»

JÚLIO DANTAS

«Tarefa ingrata e inglória a de organizar um grande dicionário. Poucos apreciam o trabalho heroicamente miúdo que ela exige; muitos se apressam a criticar com entono uma ou outra humana e inevitável imperfeição, e não se lembram de agradecer milhares de acertos pacientes e beneméritos. Tem-se por vezes notado que os que nunca fizeram nada são os mais pontuais em pôr embargos ao resultado do esforço de quem fez alguma coisa, e o melhor que pôde.»

AGOSTINHO DE CAMPOS

A obra completa **2 grossos volumes** no formato de 27×19 com **2 600** páginas

Encadernação luxuosa em percalina com lombada em pele gravada e títulos a ouro, Esc. **750\$00**

Pelo seu desenvolvimento é considerado este dicionário
verdadeiro monumento da língua portuguesa

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO:
RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: 1-
32 0081/5

22-DEZEMBRO-1973
Número 370

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director: DR. VITORINO NEMÉSIO

Editor: LIVRARIA BERTRAND — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua Henrique de Paiva Coocero - Venda Nova-Amadora

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores a fim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÍTICA LITERÁRIA

OBRAS COMPLETAS DE TEIXEIRA DE PASCOES
PROSA. VIII Volume II da Prosa

O BAILADO. Introdução e aparato crítico
por Jacinto do Prado Coelho

por JOÃO GASPAR SIMÕES



Sem dúvida alguma que não aceitamos a prosa de Teixeira de Pascoas no mesmo plano em que lhe aceitamos a poesia. Porquê? Em parte porque, mesmo admitindo que ela é poética, a frequência com que nela intervêm um dos elementos que já na segunda algo prejudicam a sua expressão — o elemento dialéctico, chamemos-lhe assim —, elemento supostamente racionalizante, e portanto de contextualização não poética, quanto a nós, esse elemento neutraliza na o pressuposto lírico sem lhe comunicar a necessária discursividade. Teixeira de Pascoas, aspirando a tirar conclusões lógicas dos seus aforismos intuitivos, não poucas vezes fica aquém do alvo, erra o alvo, mesmo, uma vez que, como intuição, não persuade o leitor e como dedução lógica o faz gratuitamente.

Bem certo que um livro como *O Bailado* agora reeditado nas suas *Obras Completas* (Bertrand) organizadas por Jacinto do Prado Coelho, onde figura como VIII da compilação geral da sua *opera omnia*, e II da *Prosa*, se apresenta como uma espécie de Memórias, palavras de Pascoas no parágrafo I do *Prólogo*. É de claro o propósito do autor em imprimir à obra certa estrutura. Além do *Prólogo*, compõem-no quatro capítulos devidamente classificados — *A Sombra e a Pedra*, *As Pedradas*, *As Horas*, *A Ponte* — e um *Epílogo*. Tal desiderato não o atinge, porém, o grande poeta, quer no que respeita às suas pretensões a «espécie de Memórias» — o que, aliás, já acontecera com o volume anterior, intitulado *Livro de Memórias*, embora neste mais de perto respeitasse tal desígnio —, quer no que toca a qualquer vislumbre de construção. De facto, embora Teixeira de Pascoas levasse a cabo, com relativo êxito — relativo, frise-se — poemas de estrutura mais ou menos dramática — *regresso ao Paraíso e Maranus*, por exemplo —, não conseguiu manter na prosa, onde esse carácter, quando programado, devia ser cumprido, qualquer arrumação global dialéctica. Eis o que salta à vista em *O Bailado*.

Realiza-se a aventura poética do criador do Saudosismo numa época particularmente híbrida da história da nossa literatura da primeira metade do século XX. Ainda ligado ao século anterior, Pascoas, como, aliás, Raul Brandão, com quem mantém afinidades múltiplas, faz parte da «meia-idade muito característica» — a mentalidade, fim de século. Não me parece, contudo, que nem ele próprio nem os seus críticos se tenham dado conta dessa sua filiação. É em verdade ressaltada mais no prosador que no poeta o lado pelo qual o vemos em íntimo comércio com os chamados escritores decadentistas. Vem de Fialho de Almeida, e estende-se por quase todos os escritores que directa ou indirectamente se ressentem da sua lição, essa forma particular de ser no domínio literário, a qual, não sendo fácil de definir, em todo o caso se apresenta com uma sintomatologia específica. E se, na verdade, tanto Brandão como Pascoas — este desde o seu primeiro livro (1895), livro intitulado *Embrides* — procuram superar a ambiência literária que os rodeia, não por isso o conseguem inteiramente. Raul Brandão chega mesmo a fazer parte de um grupo de escritores decadentistas, o grupo do *Camão* e do *Saiço*, restaurantes do Porto,

capitaneado pelo pintor Igo de Pinho. E se o seu livro *História dum Palhaço* não é um documento nefelibático ou decadentista, é porque, ao contrário de um D. João de Castro ou de um Júlio Brandão, o escritor que depois nos dará *A Farsa* já a esse tempo anda a ser trabalhado por um certo humanitarismo, a que não era estranha a leitura do Tolstói, apóstolo da não resistência ao mal. Ora em Pascoas, pelo menos no Pascoas de *O Bailado*, palmita-se, se não a mesma idealidade humanitária — Pascoas é um Nietzsche que se desconhece —, idêntica preocupação com um dos temas dos decadentistas relapsos ao decadentismo — o tema da dor. É a dor, aliás já em certas páginas de Fialho, uma dor feita: carne e espírito, corporizada e espiritualizada, símbolo como outro qualquer, que, tornando-se preocupação ético-literária, quer do autor de *A Farsa*, quer do autor de *O Bailado*, afasta um e outro do esteticismo decadentista, do nefelibatismo propriamente dito. Mas nem um nem outro se isentam de uma propensão espasmódico-lírica que converte o seu estilo num balbuciar entre lírico e pensante, nem lirismo nem pensamento, ou mais lirismo que pensamento, balbuceio esse que se diversifica nos dois de forma assaz evidente.

Tendo partido de uma mesma base — a euforia poético-decadentista típica da mentalidade fim de século — Brandão, graças à sua passagem pela escola do jornalismo — escola que já convertera outro lírico, o Eca das *Prosas Bárbaras*, em prosador de estrita —, ganha em realismo o que Pascoas, entre tanto tudo entregue à poesia, por completo perde, viciado, digamos, pelo sistemático culto de uma certa irresponsabilidade perante tudo quanto é racional e real.

Temos, portanto, que, em nossa opinião, os origens da prosa de Teixeira de Pascoas não andam longe das origens da prosa de Raul Brandão. E *O Bailado*, já de 1921, quando estava escrita a parte mais substancial da sua poesia — e a parte mais substancial da obra de Raul Brandão — é, quanto a nós, um dos documentos mais típicos da inoperância da prosa do escritor enquanto prosa, uma vez que esse, de todos os seus livros de prosa — muito mais que *O Livro de Memórias* ou que qualquer das supostas biografias que ainda esteverá — inclusive a de Camilo, que intitula *O Penitente* — é aquele em que o autor mais parece desejar o que de facto não consegue: identificar-se com uma certa realidade, no caso, a realidade da sua própria vida. E porquê? Porque não quer? Porque não pode. Em verdade quem escreve um livro constituído por um *Prólogo*, uma série de capítulos textuais e um *Epílogo*, algo deseja de concreto e real. Mas esse concreto e real escapa-se-lhe por entre os dedos. A um parágrafo em que lhe sentimos a âncora da prosa firmada num fundo de rochas bem concreto — figuras que conheceu, paisagens que o rodearam, circunstâncias que viveu — logo se sucede outro em que a âncora garra, e já não podemos alcançar a embarcação, que entre tanto se ergue nos ares, mais parecendo flutuar no espaço que vogar ao lume de água, a água da realidade, quer seja a realidade biográfica do poeta quer seja a realidade do mundo em que vive.

«Fui sempre uma criança que faz versos», escreve Pascoas no *Prólogo de O Bailado*. Ora a verdade é que, fazendo versos, Pascoas chega a superar o estado de infantilismo. Não diremos o mesmo do Pascoas que faz prosa, sobretudo se a sua prosa não encontra limites concretos à estabilização do seu voo lírico. E é grave o desgarro do autor de *O Bailado* quando, já em pleno delírio, o vemos querer utilizar as suas intuições para delas extrair pensamentos lógicos. O pensamento que Pascoas tenta radicar nas suas visionações poéticas só é em verdade pensamento quando desprendido de qualquer tentativa de racionalização. Se diz, por exemplo, «a vida é um bailado de sombras», nada perturba a racionalidade da sua intuição. É um poeta que imprime à prosa a dedada da sua poesia. Outro tanto não diremos se Pascoas, levado pela embriaguez da frase, disser logo em seguida: «A arte é outro bailado, com outros pares que dançam em volta de Deus.» Tentando racionalizar a primeira intuição, apouca-a, neutralizando o seu efeito sobre o leitor. E este, que Pascoas, em dado momento do *Epílogo* do seu livro, reconhece que «deve estar cansado desta dança de sombras e palavras», em verdade chega cansado ao fim de *O Bailado*, cansado não por ter podido ascender, com o poeta, a certos cumes da sua visionação panteística do mundo, mas por se ter sentido obrigado a acompanhar esse «bailado», não enquanto mero «bailado», mas já como pretensão dialéctica, racionalização malograda de gratuitos — embora belos — momentos de intuição lírica do grande poeta.

Porque quisémos referir a origem fim de século da prosa de Pascoas? Para relacioná-la com a de Raul Brandão. Ambos provêm da mesma fonte, a linha nefelibática, que, em certos escritores trabalhados pelo jornalismo, o caso de Fialho, ou pelo realismo, o caso de Abel Botelho, ou pelas viagens, o caso de Teixeira de Pascoas, ou por uma disciplina dramática mais ou menos intensa, o caso de António Patrício, para não vírmos até Mário de Sá-Carneiro, esse já contaminado de outros vírus — se viu afastado do seu caminho, enquanto em outros o soterrou por completo. Assim aconteceu a D. João de Castro e a Júlio Brandão, um e outro pouco ou nada significativos, uma vez dominada a propensão originária. O caso de Teixeira de Pascoas ganha proporções únicas, mas, em nossa opinião, quando é o lírico que se exprime — e se exprime em verso. O Saudosismo — a filosofia (ou teologia) panteista inerente ao Saudosismo — sendo, como é, ainda uma manifestação de decadentismo — de mentalidade fim de século —, radicando-se em mais remotas origens — um real sentimento saudosista do povo português —, permitiu que a obra poética do autor de *Maranus* ganhasse dimensões únicas na história da nossa poesia. Balarate contra o decadentismo-simbolista, de onde provinha a mentalidade de Pascoas, a obra do autor do *regresso ao Paraíso* — a sua obra poética — é um dos casos mais singulares do lirismo português de todos os tempos.

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo Dr. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

6.ª EDIÇÃO

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TODA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim, esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, e expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico, por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante, a sua residência, ou na sua falta, como no interior, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações quer se trate de uma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 992 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 75\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73-75

